



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de ciências Humanas e Sociais

Escola de Educação

**No brincar, a gente se entende: o período de adaptação de crianças de  
aproximadamente 2 anos no espaço de educação infantil**

Danielle Freire Moreira

Orientadora: Profa. Mestra Sandra Cristina Ferreira de Souza

Rio de Janeiro

2008

Danielle Freire Moreira

No brincar, a gente se entende: o período de adaptação de crianças de aproximadamente  
2 anos no espaço de educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado  
em Pedagogia, sob a orientação da professora Mestra Sandra  
Cristina Ferreira de Sousa.

Rio de Janeiro

2008

Dedicatória:

A Deus pela proteção, saúde e vida.

A minha família pela força e por acreditarem e apoiarem a minha trajetória.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me iluminou com esperança e paz nos momentos mais difíceis dessa trajetória.

Aos meus pais, por estarem presentes com incentivo, apoio, amor e dedicação incondicionais.

Aos familiares e minha irmã que compreenderam as ausências e silêncios.

Ao namorado Josias, pela compreensão, paciência, apoio e sempre presente nessa trajetória.

A professora orientadora Sandra Cristina Ferreira de Sousa Pastorino de Almeida, pelas horas dispensadas na construção deste trabalho, pela compreensão, dedicação e generosidade.

Aos amigos que sempre ofereceram palavras e ações de incentivo, ânimo e coragem em especial Tathiana, Annye, Ricardo, Caren, Ana Caroline, Sabrina, Henrique, Renata, Renato, Miguel Ângelo, Bruno, Camila, Cintia, Aliane, Juliana, Helena, Bruna, Beatriz, Flávia, Melina, Antonia.

A todos os professores do programa de graduação em educação da UNIRIO.

A todos que, de alguma maneira contribuíram para o início e término dessa trajetória, meus sinceros agradecimentos.

(...) que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande.

Walter Benjamin

## **Resumo**

Este trabalho consiste no estudo sobre a importância do brincar na adaptação de crianças de aproximadamente dois anos no espaço de educação infantil. Para isto, foram realizadas uma observação e a aplicação de questionários aos professores e à equipe pedagógica em uma escola com o objetivo de investigar e analisar os conhecimentos sobre a importância do brincar na adaptação no espaço de educação infantil, justificando a importância do lúdico na realidade das relações infantis dentro do ambiente escolar. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e o estudo das leis voltadas para a educação infantil antes do ingresso ao trabalho de campo de estudo como intuito de elaborar uma base norteadora para construção deste material.

**Palavras-chave:** Brincar; adaptação; educação infantil; lúdico

## INDÍCE

<b>Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>Demarcando o cotidiano do percurso.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I</b>	
1.1. Histórico da Educação Infantil.....	13
1.2. Educação Infantil no Brasil.....	15
<b>Capítulo II</b>	
Traçando um panorama teórico sobre o brincar.....	18
<b>Capítulo III</b>	
3.1. Conhecendo um pouco sobre o colégio.....	25
3.2. Adaptação Escolar: Processo de socialização e Desenvolvimento.....	27
<b>Capítulo IV</b>	
O papel do professor e da equipe pedagógica.....	32
<b>Capítulo V</b>	
Articulando Teoria e Prática.....	36
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>45</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>49</b>

## Introdução

Meu interesse pelas questões ligadas ao tema “No brincar, a gente se entende: o período de adaptação de crianças de aproximadamente 2 anos no espaço da educação infantil” manifestou-se a partir de observações cotidianas vivenciadas na educação infantil no ano letivo de 2007, especificamente com crianças de aproximadamente 2 anos de idade no “maternal”<sup>1</sup>, de um conhecido Colégio de caráter particular situado na zona sul do Rio de Janeiro.

Durante esta rica experiência foi possível notar que muitos são os fatores que levam as crianças mais cedo para o colégio, tais como: a necessidade do trabalho dos pais, a necessidade de socialização das crianças (idéia que prevalece já que a grande maioria é filho único) e até mesmo a visão de que as crianças necessitam se escolarizar mais cedo.

A fase de adaptação da criança à educação infantil se constitui em um período muito especial e, em alguns casos, difícil, tanto para a própria criança, como para os pais e o professor, pois esta inicia ou resgata relações sociais que precisam oferecer segurança, necessitando de atenção e auxílio.

No decorrer do processo de adaptação, as crianças passam por momentos de separação, insegurança e outros sentimentos que podem desencadear diversos tipos de comportamentos. Na medida em que vão crescendo, as crianças trazem para suas brincadeiras o que vêem, escutam e experimentam, ou seja, exploram as diferentes representações que têm do mundo. O brincar possui, então, uma característica que assegura a sua primordialidade. Já que ele pertence à infância, a simboliza, podendo ser utilizado pra diversos fins relacionados ao desenvolvimento infantil.

Uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar ou resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia-a-dia escolar. No momento em que a criança brinca, ela desenvolve um pensamento simbólico, e, a partir daí, a atenção, o cuidado e a

---

<sup>1</sup> Apesar dessa nomenclatura, maternal, não estar expressa nos artigos que tratam da Educação Infantil na LDB 9394/96, ela será usada por estar incorporada à cultura da escola.

compreensão pelo colega pode ser percebida através de manifestações de afeto, sejam elas pela demonstração de carinho, como pelo próprio companheirismo apresentado por elas.

Percebemos, então, que a educação lúdica na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilita um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se a uma prática democrática e que investe na produção do conhecimento. A sua adoção requer a participação franca, criativa, livre, crítica, proporcionando assim interação social.

Há contribuição dos jogos e brincadeiras ao desenvolvimento infantil, visto que o brincar é uma atividade própria da infância onde a criança se desenvolve individualmente ou em grupo, auxiliando dessa forma na socialização da criança através das relações com o meio com o qual interage.

O objetivo geral deste trabalho é, ao apresentar as questões atuais relacionadas à criança e ao brincar, justificando a importância e a necessidade deste ato – o brincar – durante a adaptação da criança à educação infantil. Pretendemos assim esclarecer que o lúdico é fundamental dentro da escola se baseando, para tal objetivo, em estudo e observações. Temos em mente que o brincar facilita e é fundamental no processo de adaptação das crianças, além de influenciar no progresso, tanto social, como moral e intelectualmente. É por meio do brincar que a criança estabelece relações com o mundo real.

Atualmente, o brincar é utilizado como oportunidade de recreação. Por este motivo, um dos propósitos deste estudo é, ainda, a observação das crianças interagindo entre si, com ou sem a intervenção de um adulto regulando as ações espontâneas em meio às brincadeiras de rotina do espaço da educação infantil. Estas brincadeiras são utilizadas como demonstradoras da potencialidade e tornam-se grandes caminhos a serem estudados e seguidos com o objetivo de introduzir a criança na vida escolar, construindo seu desenvolvimento de forma mais lúdica, transformando a idéia que se tem do brincar e tornando a própria criança construtora de seus conhecimentos, reconhecendo-a como produzida pela cultura e produtora de cultura.

Além disso, este trabalho objetiva tratar o brincar como socializador e propulsor da autonomia das crianças, com relatos decorrentes da observação do cotidiano e do desenvolvimento infantil, visando demonstrar a importância do brincar como facilitador para o desenvolvimento de relações sociais, justificando a importância do lúdico na realidade das relações infantis dentro do ambiente escolar, uma vez que é por meio deste que um grupo de crianças melhor se relaciona, trocando idéias e se divertindo, desenvolvendo-se quando se refere aos aspectos emocionais e sociais, sem excluir, contudo, as áreas intelectuais e psicomotoras.

A escolha deste tema almeja afirmar o grande valor do brincar, principalmente pelo fato de servir como eixo entre a vida escolar e a que se passa fora da escola, onde nos deparamos com o brincar como uma atividade comum e grande reforçadora da interação entre crianças. Também avaliaremos as brincadeiras livres como ótima fonte de estudos, onde a finalidade do brincar é transformada não mais em recreação, mas sim em uma prática ativa em sala de aula, seja este brincar dirigido ou não, já que o professor deve estar sempre atento aos acontecimentos e refletindo sobre o que observa.

### **Demarcando o Cotidiano do Percurso**

Baseando-se em pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, e entrevistas com professores e também analisando as informações coletadas, obtivemos as informações necessárias para constituirmos esta monografia. Discutimos, então, sobre a importância da brincadeira, expondo opiniões quanto ao brincar, sobre o papel do brincar na escola e a importância deste no aprimoramento das relações entre as crianças e a na melhora da adaptação escolar. Na observação da interação de crianças que já tiveram algum contato escolar, com a finalidade de verificar o desenvolvimento das mesmas ao longo de sucessivas semanas, interagindo umas com as outras e com aquele “estranho” ambiente, tendo, por vezes, a participação da professora em meio às diversas formas de buscar com que os alunos passassem a fazer parte do ambiente

diferente no qual foram inseridos. Durante este período de observação, foram realizadas leituras acerca do tema e de suas vertentes, de autores conceituados como Vygotsky, Piaget, Kramer, entre outros que focalizam e contribuem para o desenvolvimento e enriquecimento do tema abordado.

A pesquisa em questão incidiu sobre uma instituição da rede particular da Zona Sul do Rio de Janeiro, mais precisamente sobre uma turmas de educação infantil onde estive atuando como professora auxiliar e observadora durante um ano letivo, com crianças na faixa etária de aproximadamente 2 anos de idade.

As observações da interação entre as crianças, em especial as que apresentavam dificuldade de adaptação, buscamos fazer uma ponte entre a relação criança-criança como facilitadora do processo de adaptação, causando uma melhor interação da criança com o novo ambiente a ser explorado.

A primeira questão a ser pensada seria a postura a ser assumida durante as observações, uma vez que se pode notar a impossibilidade da neutralidade no ato de observar crianças tão pequenas em um lugar que lhes é completamente estranho tanto quanto o olhar delas às pessoas à sua volta. Deste modo, a interação entre observador e observado tornou-se inevitável, o que se justifica nas palavras de Laplantine (1995):

Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos. Ou seja, nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos de observação fossem outros (p.169).

Após a realização das observações e uma entrevista com as professoras acerca do tema teve início a análise dos dados coletados, os quais se propõem retratar a seguir de forma simples seguindo a idéia inicial de favorecer a interação das crianças entre si e por meio de atividades lúdicas com aparição mínima da professora.

Baseando o presente trabalho em estudos e observações nos anos de 2007, trago exemplos reais que fundamentem como o lúdico é importante dentro da escola, mesmo quando a criança já teve contato anterior com o mesmo ou outro ambiente escolar.

Tendo em mente que o brincar facilita e é fundamental no processo de adaptação das crianças, além de influenciar, e muito, o progresso das mesmas: social, moral e intelectualmente, busquei constantemente uma criança específica quando esta se encontrava ainda deslocada do restante de sua respectiva turma, a fim de demonstrar seus progressos ressaltando o quanto as demais crianças sempre estiveram presentes nos difíceis momentos, incentivando e auxiliando no contato das duas em questão com o grupo e com o ambiente.

O estudo foi realizado seguindo a seqüência de atividades abaixo descrita:

#### MOMENTO DE APRESENTAÇÃO:

- Elaboração de pesquisa bibliográfica visando a constituição do referencial teórico da pesquisa;
- Escolha da instituição em que se realizaria a pesquisa;
- Acordo com a escola, visando obter:
  - a) o consentimento da direção para a realização da pesquisa;
  - b) informações gerais a respeito da turma (número de alunos, número de professores, nível de formação dos professores, rotina da escola, etc.);
  - c) a definição do sujeito a ser investigado, com o auxílio do corpo de gestores da educação infantil. Sendo investigadas a professora da turma e a coordenadora pedagógica.

#### MOMENTO DE OBSERVAÇÃO:

- Observação participante:  
Observando a interação das crianças entre si e sua evolução desde a adaptação até sua completa inserção na turma; sendo a participação

mencionada os momentos em que estabelecíamos (os adultos presentes) maiores contatos e diálogo com as crianças.

– Observação do trabalho da professora:

Observando essencialmente a professora em seus momentos de interação com as crianças, e procuramos registrar essas situações por escrito, narrando os fatos ocorridos.

#### MOMENTO FINAL DE PESQUISA:

- Apresentação dos resultados parciais da pesquisa às profissionais da instituição investigada;
- Análise dos dados obtidos e preparação do relatório final;
- Comparação dos dados da pesquisa na escola relacionados à pesquisa bibliográfica acerca do assunto.

### Capítulo I

#### **1.1 - Histórico da Educação Infantil**

A valorização e o sentimento atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como hoje são concebidos e difundidos, tendo sido modificados a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social. Os fundamentos sociais, econômicos, culturais e políticos da sociedade antiga foram se tornando ultrapassados desde a instauração da sociedade moderna no século XVI.

Foi no início do século XVII que surgiram as primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas. Essas preocupações foram resultantes do reconhecimento e valorização que elas passaram a ter no meio em que viviam. Na Idade Média, a criança era considerada um pequeno adulto, que executava as mesmas atividades dos mais velhos. As mesmas possuíam pequena expectativa de vida por causa do precário modo como viviam. O importante era a criança crescer rápido para entrar na vida adulta, sendo então preparada para aprender os

trabalhos domésticos e valores humanos, através de aquisição de conhecimento e experiências práticas.

A partir do século XVIII, surgem duas atitudes contraditórias no que se refere à concepção de criança: uma a considera ingênua, inocente e é traduzida pela paparicação dos adultos; enquanto a outra a considera imperfeita e incompleta e é traduzida pela necessidade do adulto moralizar a criança. Essas duas atitudes começam a modificar a base familiar existente na Idade Média, dando espaço para o surgimento da família burguesa.

Na Idade Moderna, com a Revolução Industrial, o Iluminismo e a constituição de Estados laicos trouxeram modificações sociais e intelectuais, modificando a visão que se tinha da criança. A criança nobre é tratada diferentemente da criança pobre. Tinha-se amor, piedade e dor por essa criança. Lamentava-se a morte dela, guardando retratos para torná-la imortal. A criança da plebe não tinha esse tratamento.

A partir de então, começam a surgir as primeiras propostas de educação e moralização infantil. Enquanto na sociedade feudal a criança começava a trabalhar como adulto, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Essa missão é de responsabilidade dos colégios abrindo portas para os leigos, nobres, burgueses e classes populares. A educação se torna mais pedagógica, menos empírica e surge o castigo corporal como forma de educação (disciplinar), por considerar a criança frágil e incompleta. Também surgem as primeiras creches para o abrigo de filhos de mães que trabalhavam na indústria. Nesta fase, a educação tem um valor de investimento a médio ou longo prazo e o desenvolvimento da criança contribuirá futuramente para aumentar o capital familiar. (Kramer, 1992: 23).

Devido a diferenças econômicas e sociais existentes nesta época, surge a necessidade de se criar programas de cunho compensatório para suprir as deficiências de saúde, nutrição, educação e as do meio sócio cultural. Essa educação compensatória começou no século XIX com Pestalozzi, Froebel, Montessori e McMillan. A pré-escola era encarada

por esses pensadores como uma forma de superar a miséria, a pobreza e a negligência das famílias.

## 1.2- EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No Brasil Escravagista, a criança escrava já começa a fazer pequenas atividades como auxiliares. As primeiras iniciativas voltadas à criança tiveram um caráter higienista, cujo trabalho era realizado por médicos e se dirigiram contra o alto índice de mortalidade infantil, atribuída aos nascimentos ilegítimos da união entre escravas e senhores e a falta de educação física, moral e intelectual das mães. Com a Abolição e a Proclamação da República, a sociedade abre portas para uma nova sociedade, impregnada com idéias capitalista e urbano-industrial.

Na década de 20, aproximadamente, foi criado o Departamento da Criança no Brasil, cuja responsabilidade, a princípio, caberia ao Estado, mas foi mantido, na verdade, por doações. Esta instituição possuía diferentes tarefas, tais como realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre e concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança.

A partir dos anos 30, com o estado de bem-estar social e aceleração dos processos de industrialização e urbanização, a criança passa a ser valorizada como um adulto em potencial, matriz do homem, não tendo vida social ativa. A partir dessa concepção, surgiram vários órgãos de amparo assistencial e jurídico para a infância.

Na metade do século XX, tem-se um período de inovação de políticas sociais nas áreas de educação, saúde, assistência social, previdência etc. Houve, nesta época, um governo fortemente centralizado política e financeiramente, demonstrando uma acentuada fragmentação institucional e desigualdade social. Surgem algumas medidas visando um aperfeiçoamento educacional, tais como a obrigatoriedade e gratuidade do nível básico, assim como constada a Constituição. Há, ainda, a extensão obrigatória para oito anos desse nível, em 1971. Neste mesmo

ano, a lei 5692/71 traz o princípio de municipalização do ensino fundamental.

Porém, no final da década de 70, ocorre uma visível evasão escolar e repetência das crianças das classes pobres no primeiro grau. Em virtude deste fato, foi instituída a educação pré-escolar (conhecida, na época, como educação compensatória) para crianças de quatro a seis anos como forma de suprir as carências culturais existentes na educação familiar da classe baixa. Esta era vista como uma educação formada para combater a pobreza e como compensação salarial. Porém, os objetivos desta divergem enquanto instituição e entidade privada. Os objetivos da primeira são assistenciais direcionados às crianças pobres. Os da segunda, oferecida para as crianças de classe média, são preferencialmente educacionais. Os jardins de infância, ao serem criados, foram espelhados em modelos lançados em outros países, onde eram visivelmente destinados às crianças de famílias ricas, objetivando a socialização e preparação da criança para o ensino fundamental. Ao final desse período, no Brasil a Educação Infantil era vista como assistencial baseada na oferta de alimentação, higiene e segurança física, sendo muitas vezes realizado de forma precária e de baixa qualidade. Enquanto isso, nas creches particulares, desenvolvia-se atividades educativas, voltadas para aspectos cognitivos, emocionais e sociais, semelhantes aos países de primeiro mundo, onde se prepara a criança para uma realidade mundial.

No início da década de 80, a política educacional brasileira apresenta variados problemas. Notou-se, claramente, a ausência de uma política global e integrada, com predominância do enfoque preparatório para o primeiro grau, bem como a falta de coordenação entre programas educacionais e de saúde e a insuficiência de docentes qualificados. Era possível perceber a escassez de programas visando à inovação e o aprimoramento educacional, assim como a falta da participação familiar e da sociedade neste processo.

Diante destes fatores, há um forte desejo da ampliação e fortificação do atendimento educacional brasileiro. Com isso, a educação pré-escolar passa a ser vista como necessária e direito de todos, além de

ser dever do Estado, devendo ser integrada ao sistema de ensino. A Constituição Brasileira de 1988 definiu em seu dispositivo legal, artigo 208, inciso IV, a obrigação e o dever do Estado com a educação e que isto será efetivado mediante a garantia de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.

Durante toda a trajetória de sua história, a educação infantil apresentou características específicas em cada fase, mas é evidente que teve seu espaço conquistado após a Constituição Federal de 1988, onde se menciona em seus dispositivos legais condições de direito da criança brasileira, que faz parte integrante do nosso Sistema Educacional.

Com a Constituição de 1988, reitera-se, então, a obrigação de gratuidade para todo o sistema educacional, que teve que se equipar para dar respostas a esta nova responsabilidade, a qual foi confirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996). Tem-se, assim, a construção de um regime de cooperação entre estados e municípios, nos serviços de saúde e educação de primeiro grau (Campos et al, 1993).

Na década de 90, anuncia-se uma nova etapa, marcada pela política de educação infantil difundida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1993, através da Coordenação da Educação Infantil (COEDI), a qual reafirmou e operacionalizou os preceitos da Constituição de 1988. Nesta fase, há um profundo sentimento de afirmação e consolidação do atendimento educacional infantil, surgindo, entre outras propostas, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, art. 54, inciso IV), que trata a família como parte integrante e parceira da escola na definição de propostas sociais e pedagógicas.

A educação infantil no Brasil é muito nova, sendo implementada realmente a partir dos anos 30, quando surge a necessidade de formar mão-de-obra qualificada para a industrialização do país. É durante o regime militar que ocorrem as maiores transformações na educação infantil brasileira, passando por importantes momentos de transição a partir de novas políticas de educação, principalmente após a Constituição Federal de 1988, da LDB/1996 e de uma série de debates e discussões. Podemos dizer que: *A criança, por sua vez, passa a ser compreendida*

*dentro de sua própria dinâmica, deixando de ser vista como um ser carente e incapaz.* (KRAMER, 1992: 16-7).

## **Capítulo II**

### **TRAÇANDO UM PANORAMA TEÓRICO SOBRE O BRINCAR**

Segundo Áries (1981), o lúdico é uma manifestação fortemente associada ao universo infantil. Porém, este conjunto de expressões fazia parte de um universo social e cultural mais amplo, que pouco diferenciava crianças e adultos. No começo do século XVII, os jogos e as brincadeiras infantis eram as mesmas destinadas aos adultos, visto que predominava nesta época um ideal de criança como sendo um "adulto em miniatura". Com o Renascimento, estas atividades passaram a ser enfocadas a partir de suas possibilidades educativas, sendo ajustadas pelos sistemas de educação como instrumento pedagógico. A partir daí, passam a ser considerados como componentes estratégicos no processo de ensino-aprendizagem, distinguindo-se, no entanto, de outras formas lúdicas, características dos encontros comunitários e das festas infantis.

Nas sociedades modernas, no entanto, o brinquedo e a brincadeira são considerados aparatos constitutivos da infância, como consequência das transformações da organização familiar e social na história, através do processo de industrialização e urbanização da sociedade. A vida infantil foi se construindo em contraposição à vida do adulto. Foi um longo caminho percorrido para o reconhecimento da diferença entre a criança e o adulto. A primeira, caracterizada pela sua capacidade de brincar e imaginar, espaço privilegiado de novas formas de entendimento do real, que por sua vez, possibilita o desenvolvimento infantil; o último, pela crescente importância destinada ao trabalho. Através do brinquedo, da brincadeira e de suas histórias são recuperados os modos e costumes das civilizações, por essa razão pesquisadores dedicam-se aos estudos que envolvem a criança e o brinquedo. Conforme apresenta Brougère (1995), o brinquedo pode ser colocado como algo indissociável da realidade social em que está inserido, conforme se observa na sua

história cultural. A sua função está intimamente ligada ao valor simbólico que lhe é conferido pela criança na brincadeira, que é uma associação entre a ação e a ficção, possibilitando a representação do mundo através dos objetos.

Para Senicato (1998), o brincar é uma ação do homem lúdico, o qual faz parte do homem integral, pois o lúdico está presente no indivíduo desde o momento do nascimento; e, ao brincar, este desenvolve muito mais que apenas aspectos relacionados à sociedade ou ao intelectual. É por meio das situações de brincadeira que se pode desenvolver os vínculos afetivos e sociais positivos para, assim, poder-se viver em grupo e encontrar uma forma única ou principal de instrumentalizar a educação para a vida. Alguns elementos característicos podem ser vitais para o aprimoramento deste momento, no qual o vínculo entre o prazer e a motivação favorece uma outra dinâmica de ação, capaz de fazer a criança compreender a regra de uma outra perspectiva, alimentando a vontade de realização. Sendo assim, a utilização deste meio lúdico permite criar um ambiente atraente e gratificante, que vai ao encontro das expectativas de superação da criança, servindo como forma de estímulo para que ela tenha um desenvolvimento integral, conforme evidencia Cerri (2001).

Os jogos e as brincadeiras mudaram muito nos diferentes países e contextos sociais, porém o prazer de brincar não mudou e, ao mesmo tempo, o jogo é prazeroso e sério. As brincadeiras são praticadas entre os amigos e promovem, além de divertimento, também a manutenção da saúde e do desenvolvimento psicomotor, dentre outros. Com relação às crianças, as principais características são a interação em grupo e o desenvolvimento psicomotor. A atividade lúdica, como as demais tradições, é dinâmica e recebe influências da evolução social. A tradição do ato de brincar tem sido vivenciada e modificada a cada geração e a criança, durante o século XX, deparou-se com a ênfase na manipulação de objetos, brinquedos, jogos eletrônicos.

As crianças necessitam de opções interessantes e motivadoras para participar do mundo. Nesse aspecto, o lúdico tem como potencialidade facilitar a fixação através de percepções visual e auditiva uma vez que os

estímulos nessas áreas, com contrastes e voltadas para o interesse das crianças, levam mais facilmente à assimilação. A importância do lúdico remete-nos a educação grego-romana, com base nas idéias de Platão e Aristóteles, em que se utilizava o brinquedo na educação, associando a idéia de estudo ao prazer.

Na Antigüidade, utilizavam-se dados, assim como doces e guloseimas em forma de letras e números, para o ensino das crianças. A importância da educação sensorial nesse período determinou, portanto, o uso do “jogo didático” por professores das mais diferentes áreas, como filosofia, matemática, estudo das línguas e outras disciplinas. A atividade lúdica encontra um papel educativo no desenvolvimento infantil importante na escolaridade das crianças que vão se desenvolvendo, conhecendo e construindo o mundo, a partir dos intercâmbios sociais, das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores, que se torna fortalecidos pela interação familiar, incorporada à escola. Fica mais fácil de trabalhar com alunos em um programa de promoção de saúde da criança, quando a tríade escola-aluno-família está coadunada em seus propósitos e expectativas (Friedman, 1996; Wajskop, 2001).

Em Friedman (1996), temos o lúdico como elemento que estrutura a vida das crianças, se constituiu como coadjuvante nas formas de organização, criação de diferentes tipos de relações de maneira singular, como sociabilidade com o prazer; foi também ruptura, acontecimento, manifestou repetição, negação, movimento, dinamismo, astúcia, duplicidade e vitalismo.

As atividades de caráter lúdico podem representar um aspecto importante na canalização das angústias que permeiam algumas fases do desenvolvimento humano, uma vez que, por meio do jogo e da recreação o indivíduo tem a possibilidade de centrar-se na emoção e no prazer, podendo transformar essas emoções consideradas negativas em emoções mais positivas. A atividade lúdica é identificada como um espaço onde emergem novas formas de entendimento da realidade. E essas novas formas de entendimento são construídas em um espaço onde é permitida

a fantasia, a imaginação, a criação, a liberdade, ou seja, no espaço dos brinquedos, brincadeiras e jogos infantis.

Alguns autores reforçam a teoria de que o brinquedo e a brincadeira como livres, são férteis para o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da criação; de acordo com Vygotsky (1984), na brincadeira de faz-de-conta a criança torna-se aquilo que não é, age com objetos que substituem aqueles que lhe são vetados, permitindo-lhes ultrapassar os limites impostos pela realidade.

Em um ato lúdico, sentimentos como tristeza, raiva ou frustração, que fazem parte da vida, são canalizados por meio de jogos ou brincadeiras, e podem, não apenas ser aliviados, como também, tornar-se elementos catalisadores de aprendizado e de fortalecimento, inclusive, do próprio caráter, como afirma Senicato (1998).

Com a presença das atividades lúdicas e suas características de maior espontaneidade, uso do imaginário e relação com o mundo simbólico, Cerri (2001) destaca a possibilidade dos alunos incorporarem o mundo ao redor, sem compromisso direto com a realidade, aumentando a liberdade de expressão e o prazer da convivência com o outro do grupo social ao qual pertencem. Para estes mesmo autores, é muito importante que o lúdico seja sempre motivado, pois é essencial na vivência e no crescimento saudável e harmônico das crianças, além de ser importante para a formação crítica e criativa. Por meio das atividades lúdicas e suas características, os alunos podem atuar de forma mais natural, coerente com as expectativas da faixa etária, adquirindo maior autoconfiança e independência, conforme salientam Lima (apud Cerri, 2001) e Romera (1999), ampliando, inclusive, o universo motor.

O brinquedo é uma importante fonte de promoção ao desenvolvimento da criança, pois o uso dos instrumentos e signos compartilham algumas propriedades importantes; ambos envolvem uma atividade mediada, proporcionando nesse período da educação infantil, por meio do brinquedo, a expansão de habilidades conceituais e a imaginação. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, e o brinquedo promove essa situação imaginária, e ensina a

criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação, mas pelo significado da situação.

Como nos fala Rego (2001), as crianças, por meio dos jogos educativos, tem momentos promovidos pela brincadeira em que há o estímulo aos processos psicológicos superiores como: a percepção, a atenção e a memória, a partir da mediação simbólica e da origem sócio-cultural desses instrumentos, facilitando o aprendizado e a compreensão com participação coletiva.

Para alguns autores, brinquedo e brincadeira aparecem com significações diferentes. Enquanto a brincadeira é vista ora como ação livre, ora como atividade supervisionada pelo adulto, o brinquedo expressa qualquer objeto que serve de suporte para brincadeira livre ou fica atrelado ao ensino de conteúdos escolares. A contraposição entre a liberdade e a orientação das brincadeiras, entre a ação lúdica concebida como fim em si mesma, ou com fins para aquisição de conteúdos específicos, mostra a divergência de significações (Kishimoto, 1997).

Um das formas para interferir positivamente na perspectiva de mudança de comportamento é a sensibilidade do educador, capaz de promover elementos que auxiliem na busca do prazer, compartilhando experiências mais significativas e que vão ao encontro das expectativas desta população, para que se possa interferir positivamente no modo de agir das crianças envolvidas no processo educacional, catalisando possíveis mudanças de atitudes.

As fontes de conhecimento da criança são as mais variadas, mas é com a brincadeira que ela tem contato direto com a realidade. Além disso, a criança desenvolve a imaginação, a curiosidade, o afeto favorece sua auto-estima e interage com outras crianças. Esta atividade é importante para o desenvolvimento físico, intelectual e social. Contribuindo para isto, o brinquedo vem ampliando sua importância deixando de ser um simples divertimento e tornando-se a ponte entre a infância e a vida adulta. Seu uso é favorecido pelo contexto lúdico, oferecendo à criança a oportunidade de utilizar a criatividade, o domínio de si, à afirmação da personalidade, o imprevisível. Através dele, a

criança aprende o que é uma tarefa, a organizar-se e a aceitar o código lúdico, com um contrato social implícito. (Brenelli, 1996).

Conforme idéia de Piaget (1967), o brincar, como exercício desenvolve nas crianças suas percepções, sua inteligência e suas experimentações sociais. Por meio de uma atividade lúdica, a criança assimila ou interpreta a realidade. Assemelhando-se às idéias de Vygotsky (1984), onde o brincar tem sua origem na situação imaginada que foi criada pela criança, que ao realizar seus desejos, reduz as tensões e constitui uma maneira de acomodação de conflitos e frustrações. Sendo o mais importante não a semelhança do objeto com a coisa imaginada, mas o gesto, que torna seu significado mais importante que o próprio objeto. Assim, a grande importância do brincar no desenvolvimento deve-se ao fato de criar novas relações entre situações dos pensamentos e situações reais.

Deste modo, a criança quando brinca penetra em um mundo de faz-de-conta, ampliando sua imaginação e diversificando experiências. Este faz-de-conta se torna uma atividade psicológica de grande complexidade. Ela se baseia em uma atividade lúdica que desencadeia o uso da imaginação criadora pela impossibilidade de satisfação imediata de desejos por parte da criança, enriquecendo a identidade da criança. Neste mundo de imaginação, a criança experimenta outra forma de ser e de pensar, amplia suas concepções sobre as coisas e as pessoas, porque a faz desempenhar vários papéis sociais ao representar diferentes personagens.

Vygotsky (1984) descreve o papel do brinquedo, referindo-se especificamente à brincadeira de "faz-de-conta", como brincar de casinha e brincar de escolinha, por exemplo. Neste trabalho, ele faz, ainda, referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira "faz-de-conta" é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no processo de desenvolvimento da criança. Esse processo é desencadeado por meio de suas próprias brincadeiras e de invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e, até mesmo, iniciada por adultos. Durante esta etapa, a criança amplia gradualmente sua capacidade de visualizar a riqueza do mundo externamente real, e, no plano simbólico, procuram entender o

mundo dos adultos. Estas brincadeiras, ainda que apresentem conteúdos diferentes, compartilham uma característica comum. Em ambas, podemos perceber a atividade do homem e suas relações sociais e de trabalho. Deste modo, as crianças desenvolvem a linguagem e a narrativa e vão adquirindo uma melhor compreensão de si próprias e do outro, pela contraposição com coisas e pessoas que fazem parte de seu meio, e, que são, portanto, culturalmente definidas também.

O comportamento das crianças em situações cotidianas é, em relação aos seus fundamentos, o contrário daquele apresentado nas situações de brincadeira. A brincadeira estabelece uma área de desenvolvimento proximal da criança, onde esta se comporta além do habitual para sua idade, o que possibilita a criação de uma estrutura básica para as mudanças da necessidade e da consciência, originando um novo tipo de atitude em relação à realidade. Durante a brincadeira, surge, pela criança, a criação das intenções espontâneas e as formações dos planos da vida real, constituindo-se assim, no mais alto nível do desenvolvimento pré-escolar. Além disso, no jogo de faz-de-conta, a criança passa a comandar sua conduta pelo mundo imaginário, isto é, o modo de pensar está isolado dos objetos e a ação aparece da idealização.

Assim, do ponto de vista do desenvolvimento, o jogo de faz-de-conta pode ser considerado um meio para desenvolver o pensamento abstrato. Podemos atribuir ao jogo imaginário uma dupla tendência, com ações subordinadas ao real, através de seus vínculos com acontecimentos e regras daquilo que é vivenciado, e com a transformação do real, pelas possibilidades de recombinação criativa das experiências. Além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras, e, mesmo no universo do "faz-de-conta", há regras que devem ser seguidas, o que faz com que a criança desenvolva, ainda, seu senso de responsabilidade e obediência. (Vygotsky, 1984).

Durante os momentos de brincadeira, ocorre a sobreposição da fantasia e da realidade, que se alternam e permitem que a criança estabeleça conceitos e relações, inserindo-se socialmente no ambiente. Ao brincar e fantasiar, a criança está organizando em sua cabeça, o mundo real, tendo a possibilidade de reconstruir suas diversas

experiências cotidianas. A imitação e a realização do faz-de-conta, portanto, garantem a reconstrução interna daquilo que é observado externamente.

O brincar é, muitas vezes, desvalorizado em relação a outras atividades consideradas mais produtivas. Se estiver inserida dentro do planejamento, além da garantia de ser realmente praticada, a brincadeira deixará de ser sinônimo de não fazer nada ou de passar o tempo.

### **Capítulo III**

#### **3.1-CONHECENDO UM POUCO SOBRE O COLÉGIO**

A instituição que tratamos neste presente trabalho pertence a uma rede mundial de colégios confessionais que tem como missão, segundo seu projeto político pedagógico, promover educação que contemple a bondade e a firmeza, incentivando a pesquisa, a construção do conhecimento e o desenvolvimento do educando, capacitando-o para o exercício da cidadania. Seus pressupostos quanto ao processo pedagógico tem como finalidade propor a fundamentação teórico-afetiva para a compreensão do conhecimento, comprometida com a aprendizagem. A pesquisa, o diálogo, a construção das regras coletivas, o respeito à autonomia e à dignidade de cada um, a cidadania, o trabalho prazeroso e o lúdico são algumas das expressões inerentes ao processo educacional no cotidiano da instituição.

Na educação infantil, o colégio procura respeitar e despertar cada vez mais o interesse pelo lúdico disponibilizando variados espaços que estimulem a criança a desenvolver plenamente suas potencialidades de forma saudável e prazerosa, com a finalidade de criar condições para a formação integral da criança, propiciando experiências, situações, vivências e brincadeiras que articulam as diferentes áreas do conhecimento, contribuindo assim, para o desenvolvimento das capacidades infantis nos âmbitos físico, afetivo, cognitivo, ético, estético, da relação interpessoal, intrapessoal e inserção social. É brincando, jogando, experimentando e convivendo com outras crianças,

com adultos e com o meio físico e social que ela constrói seu conhecimento.

Durante a brincadeira, a criança elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e toma atitudes além do comportamento habitual de sua idade, pois busca alternativas para transformar a realidade. Os seus sonhos e desejos, na brincadeira podem ser realizados facilmente, quantas vezes o desejar, criando e recriando as situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior. Uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar ou resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia a dia. Para isso, é normal que ela use capacidades como a observação, a imitação e a imaginação. As representações que, de início, podem parecer simples, de acordo com a idade da criança, darão lugar a um faz-de-conta mais elaborado, que além de ajudá-la a compreender situações conflitantes, ajuda a entender e assimilar os papéis sociais que fazem parte de nossa cultura. Através desta imitação representativa a criança desenvolve a capacidade de interação e aprende a lidar com o limite.

Neste mundo de imaginação, a criança desenvolve outras maneiras de ser e de pensar, diversificando suas concepções sobre objetos e pessoas, porque a faz realizar diversos papéis sociais ao representar diferentes personagens. Deste modo, as crianças desenvolvem a linguagem e a narrativa, e, através da comparação com coisas e pessoas que fazem parte de seu meio, compreendendo melhor a si próprias e ao outro, facilitando sua interação social, e sua relação com as crianças ao seu redor, uma vez que, de acordo com Amorim (1986),

(...) o espaço, na idade pré-escolar, é espaço vivido—descoberto e conquistado com o próprio corpo (...) que é a referência básica para que a criança, primeiro, se localize e, depois, aos outros, entre si. (p.80)

A organização curricular do colégio está de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e seus âmbitos de experiências: formação Pessoal e social , nos eixos de trabalho: Identidade e Autonomia e conhecimento do Mundo, nos seguintes eixos de trabalho: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Matemática e Natureza e Sociedade.

O processo de aprendizagem, como pode ser percebido, implica na realização de atividades que levem à construção dos conceitos que constituem o referido conteúdo, através das informações que ele contém. Isto é, todo conteúdo é constituído de uma série de informações, dados e fatos articulados entre si segundo uma ordem interna, que deverá ser compreendida pelo educando. É pelo domínio destes elementos que a criança desenvolve as funções do pensamento (análise e síntese, por exemplo), assim como constitui noções de tempo, espaço, simultaneidade etc. O pensamento vem, portanto, da atividade. As atividades envolvidas no processo de aprendizagem são observação, experimentação, reflexão, organização (através da fala, escrita, desenho, movimento) e apresentação do conhecimento adquirido.

### **3.2- ADAPTAÇÃO ESCOLAR: PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

O início da vida escolar é um acontecimento significativo para a criança, que terá dois grandes desafios pela frente: o ambiente desconhecido e a separação dos pais que podem e devem ajudar seus filhos neste momento tão importante. A criança precisará ser preparada para começar a frequentar a escola. Deve-se tentar transmitir a idéia de escola como algo prazeroso. Pois será nesse ambiente educacional que a criança passará por várias experiências pela primeira vez.

Antes mesmo do período da adaptação iniciar, é realizada uma reunião com os pais das crianças, professoras e auxiliares que irão conviver com a turma durante o ano letivo.

A intenção desse encontro é a apresentação dos educadores, proposta da instituição, promover uma integração entre pais e educadores, esclarecimentos sobre possíveis dúvidas e o preenchimento da ficha de conhecimento, pois somente de posse desses dados, é possível a elaboração das atividades do período de adaptação.

Assim como pude observar e foi respondido na entrevista feita com a professora, as famílias das crianças pertencem a classe média e média alta, a grande maioria possui um filho. São pais muito participativos na

vida dessas crianças e participativos. As crianças já freqüentavam o colégio desde o ano letivo anterior, são muito estimuladas pelos pais e demonstram dificuldades em aceitar limites.

O período de adaptação foi cuidadosamente planejado para que a criança, ao ter contato com estas novas experiências sociais, diferentes daquelas vivenciadas em casa, possa ter ciência de estar em um ambiente estimulante, seguro e acolhedor.

Durante o processo de adaptação, as crianças vivenciam momentos de separação, insegurança e outros sentimentos que podem desencadear diversos tipos de comportamento. Neste período, os educadores devem auxiliar a criança a familiarizar-se com os novos horários de alimentação, brincadeiras, buscando um equilíbrio de seus horários e costumes, aproximando-os gradualmente até acomodá-los a rotina da escola. Esse processo será facilitado quando a criança estiver segura e tranqüila, tanto com relação ao ambiente, como na relação com sua professora e auxiliar.

O horário de adaptação planejado pelos professores junto as coordenações apresenta uma proposta de adaptação gradativa, com um horário especial que vai aumentando conforme o decorrer da semana. A turma é dividida em dois grupos para que a professora e a auxiliar consiga estimular e promover melhor a interação das crianças. O horário da adaptação encontra-se ao final deste item, na página 31.

Nas primeiras etapas de adaptação, a brincadeira representa a melhor forma de interação entre as crianças e de acomodação àquele estranho ambiente. Durante as primeiras fases do brincar, a criança começa a se distanciar de seu primeiro meio social, representado pela mãe e/ou outro familiar e pelo ambiente doméstico. No momento em que a criança brinca, ela desenvolve um pensamento simbólico, e, a partir daí, a atenção, o cuidado e a compreensão pelo colega pode ser percebido através de manifestações de afeto, sejam elas pela demonstração de carinho, como pelo próprio companheirismo apresentado por elas. Esta demonstração de afeto geralmente ocorre com poucas pessoas inicialmente. É mais fácil a criança demonstrar confiança em um ou outro colega para, mais tarde, se socializar com outros grupos,

estabelecendo, assim, uma relação que facilitará seu processo adaptativo. Quando a criança começa a brincar e andar junto com um colega de turma, fazer seus lanches com ele, ela realiza uma aprendizagem que pode favorecer ou não o estabelecimento de relações com os outros e expressar sentimentos sociais que poderão ser úteis a ela.

Durante os dias da adaptação, as crianças freqüentam os vários espaços disponibilizados no colégio: parquinho, parcão, pátio, biblioteca, sala de espelhos, cineminha, brinquedoteca, capela e a própria sala de aula. Todos os dias elas levam para casa uma surpresa afim de reforçar essa nova relação.

Na escola, as relações da criança diversificam-se e ela vai se tornando mais livre para estabelecer ligações e relações variadas com outros colegas de turma. É preciso salientar que a capacidade da criança de se relacionar com outras depende das oportunidades de interação e da diversidade de situações experimentadas. Um ambiente onde a criança possa desenvolver estes laços de amizade colabora com o processo de adaptação. Ao brincar, a criança desenvolve a socialização, entre outras maneiras, na medida em que favorece a imitação pela experimentação de regras e pelo exercício de papéis sociais, em especial na brincadeira de faz-de-conta, tornando aquele ambiente, outrora hostil, em acolhedor e amistoso e, não menos, sob controle.

Habitualmente, em casa, a criança convive com pessoas com quem já estabeleceu um vínculo afetivo. Nesse ambiente, ela encontra liberdade para explorar todos os cantos e objetos, observando e participando das atividades da família.

Ainda que algumas crianças ingressem no maternal II com relativa facilidade, não é raro encontrar algumas que, inicialmente, se sintam inseguras em um ambiente novo e diferente. Estes sentimentos são normais e é por isto que as escolas geralmente proporcionam um período de adaptação, auxiliando a criança a se acostumar lentamente com este novo ambiente; pois quando a criança entra no maternal, ela se depara com um ambiente estranho, com pessoas estranhas com as quais ela nunca teve contato. O período de adaptação à rotina escolar é cheio de peculiaridades. Neste novo ambiente, a criança passa a conviver com

novidades que, se acompanhadas de perto por um familiar, podem se tornar atraentes. Porém, na maior parte dos acontecimentos, estas novidades causam medo e desenvolvem um sentimento de desconfiança por parte da criança.

No que diz respeito à adaptação escolar é muito pouco provável que todas as crianças tenham as mesmas facilidades, simplesmente porque a adaptação à escola implica em uma série de variantes que nem sempre estão relacionadas apenas ao ambiente escolar. Embora não possa verbalizar seus sentimentos e emoções, a criança tem uma percepção muito clara do que se passa ao seu redor, e pode expressar-se corporalmente. É como se ela tivesse um pequeno radar que capta todas as ondas e vibrações que passam ao seu redor. A partir das percepções que faz do ambiente ela constrói seus medos, sua confiança, sua desconfiança, sua segurança e sua insegurança. Para nós, que estamos do lado de fora do "radar" é difícil compreender o que pode estar acontecendo, pois temos um arsenal de palavras, pensamentos e justificativas racionais que dão conta de nos fazer compreender quase todas as nossas dificuldades emocionais (embora compreender não seja resolver). Mas a criança ainda não está equipada como nós para dar conta de seus medos e ansiedades, então, tudo o que tem ao seu alcance é o choro e a rejeição ao que não lhe parece bom.

Não é difícil encontrar crianças com problemas de adaptação ao ambiente escolar. Algumas crianças podem apresentar comportamentos diferentes daqueles que normalmente revelam em seu ambiente familiar, como alterações de apetite; retorno às fases anteriores do desenvolvimento. Diferentes denominações são utilizadas ao longo dos tempos para definir crianças com problemas de adaptação. Essas denominações surgem dentro do contexto escolar relacionado a tendências da psicologia. Cuidarei de estudar nesse presente trabalho um caso de dificuldade de adaptação que acompanhei na turma de maternal descrita.

<b>MATERNAL II (Grupo I) (Tarde/2007)</b>		
<u>DIA</u>	<u>HORÁRIO</u>	<u>OBSERVAÇÃO</u>
05/02 2ª feira	13 às 14h	Não trazer lanche
06/02 3ª feira	13 às 14h	Não trazer lanche
07/02 4ª feira	13 às 14h30	Trazer lanche
08/02 5ª feira	13 às 15h	Trazer lanche
09/02 6ª feira	13 às 15h	Trazer lanche
12/02 2ª feira	12h50 às 15h30	Trazer lanche
13/02 3ª feira	12h40 às 16h20	Trazer lanche
14/02 4ª feira	12h40 às 17h10	Horário normal

<b>MATERNAL II (Grupo II) (Tarde/2007)</b>		
<u>DIA</u>	<u>HORÁRIO</u>	<u>OBSERVAÇÃO</u>
05/02 2ª feira	14h30 às 15h30	Não trazer lanche
06/02 3ª feira	14h30 às 15h30	Não trazer lanche
07/02 4ª feira	15 às 16h30	Trazer lanche
08/02 5ª feira	15 às 17h	Trazer lanche
09/02 6ª feira	13 às 15h30	Trazer lanche
12/02 2ª feira	12h50 às 15h30	Trazer lanche
13/02 3ª feira	12h40 às 16h20	Trazer lanche
14/02 4ª feira	12h40 às 17h10	Horário normal

## Capítulo IV

### **O PAPEL DO PROFESSOR E DA EQUIPE PEDAGÓGICA**

Neste capítulo discute-se o papel do professor e da equipe pedagógica nas atividades relacionadas ao brincar na adaptação infantil. Este estudo retrata uma análise sobre formação de professores para a educação infantil e nas observações e entrevistas feitas na instituição.

A turma analisada nesta instituição de ensino, assim como foi possível observar em todas as classes de educação infantil da mesma, era composta por um corpo educacional de uma professora regente e uma professora auxiliar de turma, amparadas por equipe pedagógica. Todas as professoras são pós-graduadas em áreas ligadas a educação infantil e todas as professoras auxiliares freqüentam a graduação na área de educação.

A sanção da Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN), em dezembro de 1996 trouxe exigências do governo quanto à formação profissional dos professores de educação infantil. O artigo 62 deste documento determina que:

A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal.

As reformas educacionais levadas a efeito em nosso país e nos outros países da América Latina desde o final da década de 1970, com o objetivo de adequar o sistema educacional ao processo de reestruturação produtiva e aos novos rumos do Estado, vêm reafirmando a centralidade da formação dos profissionais da educação. Esse quesito é algo bastante respeitado pelos profissionais e pela instituição, que promove cursos voltados para a área de educação infantil e estimula e preza o estudo.

As dificuldades apresentadas pelas crianças permitem prever posteriores 'inaptações' e problemas no cotidiano escolar. Este espaço é feito de comunicações interpessoais nas quais se vivenciam as primeiras transições, os primeiros conflitos e os primeiros confrontos com uma realidade não tão protegida quanto à familiar. O educador surge, assim, não só no importante papel de interventor, como assume, de fato, a personagem principal de observador privilegiado. (Silva, 2004).

O Referencial Curricular Nacional para Educação infantil (1998) defende que os jogos e as brincadeiras propiciem a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, a fim de oferecer às crianças a oportunidade de exercer a sua autonomia ao escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

Como evidencia Kishimoto (1999), independente da época, cultura e classe social, os jogos e os brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem em um mundo rodeado de fantasia, encantamento, alegria e sonhos, onde a realidade e o faz-de-conta se confundem. Desta forma, a instituição pesquisada utiliza esse recurso no período de adaptação e durante todo o período de educação infantil devido seu caráter lúdico, por favorecer a adaptação através da interação entre as crianças e educadores, estimulando a vida em sociedade.

Assim sendo, a educação deve unir conhecimentos e experiências, considerando sempre a criança e o professor enquanto indivíduos únicos em sua totalidade real.

O papel principal do professor torna-se, então o de observador de interesses e necessidades individuais. A partir destas observações, o professor pode encontrar suas conclusões, analisando o ambiente, e preparar motivações neste ambiente escolar previamente organizado. Ele não deve interferir bruscamente, pois estas intervenções comprometem a aprendizagem. O professor deve ser o facilitador, ser aquele que estimula

e incentiva as crianças a criarem independência e autoconfiança próprias. O professor mantém-se em prontidão para prestar auxílio, de maneira indireta, sempre que necessário.

Com base nisto podemos observar que é muito importante a ajuda do professor para abrir um espaço por meio da brincadeira e para a criança exercer sua autonomia. Isto porque com base na observação realizada na instituição de ensino pesquisada, as crianças estão constantemente brincando e a intervenção do professor é necessária para que as crianças possam vivenciar através do brincar situações de interação social.

Segundo Coll & Colomina (1996), as tendências atuais têm enfatizado o papel do professor como mediador da relação dos alunos com o objeto de conhecimento. Tradicionalmente deu-se mais importância às relações professor-aluno do que às relações que se estabelecem entre os alunos no decorrer das atividades escolares e às suas repercussões na consecução dos objetivos educacionais. Por este motivo, o professor assume o papel de um mediador indireto que, coordenando as interações entre os alunos, coloca-os, de certa forma, também no papel de co-educadores em sala de aula.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (1998), a intervenção do professor é necessária na educação infantil para que as crianças possam, em situação de interações sociais ou sozinhas, ampliarem suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e idéias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc.

Com isso, cabe ao professor desenvolver situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre crianças, a fim de que encontrem abertura para se comunicar e se expressarem, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e auto-estima.

A existência de um ambiente acolhedor, porém não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências nas interações sociais, mas

acredita-se que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam no cotidiano.

Com relação ao papel da equipe pedagógica, podemos pensar sobre o aspecto da permissão e incentivos que a mesma pode facilitar. Ou seja, é importante o apoio e a liberdade fornecida aos professores para que eles trabalhem com autonomia necessária à execução das atividades que se mostram pertinentes. O apoio da coordenação da escola em questão acredita na importância do brincar e incentiva seu uso durante a adaptação das crianças e no cotidiano de todo o ano letivo na educação infantil. A proposta apresentada é que a adaptação, os conteúdos sistematizados ao longo dos tempos, que visam desenvolver as partes cognitivas, afetivas e motoras das crianças sejam por meio lúdico. Desta forma, a educação infantil da instituição torna-se mais prazerosa e produtiva, já que as crianças aceitam muito bem as atividades com o brincar.

Para completar este estudo sobre o papel da equipe pedagógica, baseando-se na visão construtivista onde se defende que o ser humano é um ser ativo e produtor de conhecimentos, podemos citar a construção de um pensamento sobre a importância do brincar na educação infantil da equipe pedagógica da instituição. Foi a resposta da coordenadora da instituição pesquisada que em observação realizada.

A instituição demonstrou um clima harmonioso entre os professores e a coordenação, gerando com isso conforto na equipe para realização de tarefas criadas pelos próprios professores com o brincar para desenvolver um conhecimento.

A coordenadora, formada em pedagogia e pós-graduada em coordenação escolar, informou que as decisões, propostas, projetos e planejamentos são elaborados em equipe, com responsabilidade e criatividade. O professor tem liberdade e autonomia para trabalhar junto a equipe, procurando zelar e optar por caminhos que promova da melhor forma possível o desenvolvimento da criança. A equipe pedagógica da instituição é aberta e procura amparar as famílias e os educadores nos casos das crianças que encontram dificuldades de adaptação na educação

infantil, buscando outros caminhos e alternativas para que estas crianças se incluam no grupo.

## Capítulo V

### **ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA**

Durante a realização deste trabalho de campo na educação infantil, mais precisamente no maternal da instituição descrita anteriormente, que atende às crianças da faixa etária de aproximadamente 2 anos, nas primeiras semanas de aula, nas quais as crianças ainda estão em fase de adaptação, foi possível perceber o interesse das crianças por momentos lúdicos que normalmente voltam sua atenção para a diversão fazendo-as, mesmo que por um breve instante, distrair-se da ausência de seu responsável.

A criança como um ser individual, único, apresenta-se munida de um repertório de recursos internos peculiares, que construiu até o momento que entra na educação infantil ou em um ambiente desconhecido. Dentre o repertório de respostas que traz em sua bagagem irá escolher uma maneira de contatar com esta nova realidade. Esta resposta escolhida busca a adaptação possível para ela, naquele momento. A criança depara-se com todo um contexto diferenciado que compreende um espaço físico desconhecido; uma nova figura de referência a vincular-se, a professora, crianças da mesma faixa etária que a sua e todas as implicações desta interação, a divisão do espaço, de atenção da professora, experimentar a vivência no grupo, lidar com as diferenças entre os colegas, construir objetivos comuns, seguir uma rotina; cumprir novas regras e normas da escola como horários, o uso de uniforme, bem como apropriar-se de proposta pedagógica que objetiva ampliar seus conhecimentos.

Algumas crianças utilizam-se de sua curiosidade espontânea para explorar o novo ambiente, sempre cheio de atrativos que prendem sua atenção e desta forma se distanciam de seus responsáveis e adquirem laços com o novo ambiente e as novas pessoas à sua volta, que passarão

a ser seu novo círculo social e afetivo. Outras crianças, porém, trancam-se em seu mundinho, isolando-se ou chorando continuamente sem apresentar mínimos contatos com os novos colegas ou com a professora. O que é completamente aceitável e embasado nos conhecimentos de Kramer (1992), sendo *impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização.* (p.15).

Desta forma, contextualizo o aluno que serviu particularmente de base e incentivo para o estudo como as 'gotinhas' demonstradoras da heterogeneidade que tanto devemos valorizar, o qual chamarei de João, de 2 anos, aluno do ano letivo de 2007, de uma turma de 15 crianças na faixa etária de aproximadamente 2 anos. João, assim como as demais crianças da turma iniciou as aulas normalmente, chorando do início ao fim do período de adaptação, não desgrudando em nenhum momento da mãe.

Em casos de crianças que não se adaptam dentro do tempo de adaptação estipulado pela equipe pedagógica, a adaptação desta criança continuará sendo elaborada e realizada, pois cada criança tem seu ritmo, uma vez que cada relação mãe-filho é única. Desta forma, como relatou a professora da turma na entrevista realizada, cada evolução da adaptação ocorre no seu ritmo próprio e cada separação tem um significado singular.

A família e a escola desempenham papéis importantes para a formação da criança durante as várias etapas de descoberta da vida, cabendo-lhes acompanhar, proteger, educar e favorecer o início da socialização da criança. Consolidar essa parceria é necessário, pois a inter-relação escola-família requer contínua articulação para que se consiga fortalecer e alcançar propósitos com vistas à construção da cidadania.

Na terceira semana de aula, como intuito de querer aproximar mais João ao colégio e aos amigos, a equipe pedagógica da instituição decidiu deixar que sua irmã, na época com 10 anos, que estudava na escola no período da manhã, ficar com ele na sala do maternal nos dias que se

seguiram logo após o período de adaptação. Os dias se passavam e a cada tentativa de fuga da irmã mais velha da sala de aula com o intuito de deixá-lo sozinho, João se afundava na cadeira e começava a chorar mordendo a mão. Sem desistir, a professora junto com a equipe pedagógica insistiram para que a irmã continuasse a sair da sala até que João estivesse adaptado, e cada dia ela permanecia menos com o irmão, até que não entrou mais na sala, falando para o menino que ficaria do lado de fora esperando a hora da saída.

Na quarta semana de aula, as tentativas de promover um contato ou interação do menino com os outros amigos da turma exercida pela professora eram todas em vão. Pois uma vez que seu nome era pronunciado, ele chorava cada vez mais e ficava tão nervoso que não viável dialogar com o mesmo. Nos dias de parquinho, parcão e brinquedoteca ele permanecia sentado do lado de dentro dos mesmos, afastado da turma. Nas horas de atividades livres ele permanecia em pé no canto observando os demais e esperando algum comando, nas atividades em papel, olhava para o papel e não tomava iniciativa

A professora resolveu que não poderia interferir bruscamente na sua adaptação, então resolveu que o melhor seria deixar que as próprias crianças lhe guiassem. A essa altura, quase dois meses depois, as demais crianças já estavam acostumadas ao ritmo e às atividades e a apatia e a falta de iniciativa de João, que também não pronunciava nenhuma palavra sequer, nem ao menos um pedido.

Nossa situação, minha e da professora, começou a se modificar quando nesse mesmo período, alguns alunos passaram a procurar por João a fim de mostrar-lhe o que iriam fazer. Chamar para pegar a toalha, dar a mão para brincar, dividir o lanche, levar para o baú dos brinquedos, cada uma dessas atividades tornava lentamente menor a apatia inicial de João, que avançava a cada dia quando os alunos brincavam livremente de roda ou de pegar um na mão do outro enquanto estavam sentados na mesa.

Segundo a professora da turma, que naquele momento observava o início da construção dos vínculos de João com os amigos, uma das funções básicas do brincar é justamente permitir que a criança aprenda a elaborar ou resolver situações conflitantes, desenvolvendo, através disso, a capacidade de interação, facilitando sua interação social, e sua relação com os amigos e com a gente, que estávamos presentes no cotidiano escolar do menino observado. São nos momentos de brincadeira que ocorre a sobreposição da fantasia e da realidade, se alternado e permitindo que a criança crie conceitos e relações, inserindo-se socialmente no ambiente.

Como evidencia Piaget (1967), existem diferenças básicas quando se trata, do ponto de vista educacional, das relações adulto-criança. Sendo assim, ele propõe uma pedagogia que não evidencie a influência do adulto sobre a criança, neste caso, da relação do professor com a criança. Piaget aconselha promover relações de cooperação entre as crianças, relações que promovem uma maior assimilação racional por serem baseadas no diálogo, nas brincadeiras e no acordo entre elas. A autonomia nesse modelo é vista como o resultado de um processo de aquisição de independência pessoal medida através de indicadores comportamentais, nos quais a criança autônoma é aquela que realiza cada vez mais as tarefas, sem a interferência dos adultos, buscando sua interação com as outras crianças. Esta autonomia propicia à criança uma clara adequação ao ambiente escolar.

Portanto, podemos notar que a adaptação da criança depende, entre outros fatores, da autonomia que ela adquire naquele ambiente, principalmente na relação que ela desenvolve com outras crianças. Como um dos principais problemas observados no início do processo de adaptação são as interações com aquelas pessoas estranhas em um ambiente também estranho, este processo de conquista da autonomia contrai um grau de importância bastante significativo.

É necessário que a criança brinque para eliminar o que incomoda, dominar suas angústias e seus medos, de modo socialmente aceito. Desta forma, a brincadeira se configura em uma ferramenta que promove a socialização da criança e sua interação com as outras crianças de maneira

passiva. Ou seja, no momento em que brinca com as outras crianças, esta criança está interagindo com as outras ao seu redor e, sem que ela perceba, aumentando suas relações sociais e se adaptando aquele ambiente.

Após dois meses e uma semana de aula, resolvi sugerir à professora que deixasse João na cadeira sem que chamasse por ele. Expliquei que poderíamos testar, por pelo menos alguns dias, que a professora realizasse as atividades normalmente sem interferir para que João as realizasse também; e que passaríamos a reparar se seu comportamento seria modificado. Não demorou mais que quatro dias para que se pudessem perceber algumas melhoras em seu comportamento. Não deixou de chorar na entrada, e a professora continuou tendo que pegá-lo do colo da mãe para o seu, mas a cada dia que a professora sentava em roda para cantar músicas e, principalmente para contar histórias e propor brincadeiras com jogos de quebra-cabeça e lego, a atenção da criança começou a se voltar para as atividades que o faziam interagir com os amigos e com a professora e, por vezes ele “esquecia” de chorar.

A professora, que possui oito anos de experiência na mesma instituição relatou que inicialmente na educação infantil, as crianças querem descobrir tudo primeiro, mexer em tudo, pois estão entusiasmadas. Percebendo nelas uma ansiedade, pois o espaço é novo, tudo é novo. Após esta ansiedade, surge um sentimento de angústia, elas ficam inseguras, como se fossem abandonadas. E tudo que é novo na vida gera um pouco de medo, insegurança e expectativa. Então algumas crianças ficam retraídas, não conversam muito, não procuram a brincadeira; mas, depois, à medida que os próprios colegas, também inseguros inicialmente, vão procurando uns aos outros através das brincadeiras, as crianças tendem a ganhar mais liberdade e ficam mais soltas.

Partindo de que a relação da criança com o brincar é o primeiro passo da mesma para a socialização com o ambiente escolar e as novas pessoas com quem irá conviver, vale ressaltar que este se torna também o primeiro passo em busca de autonomia da criança para com os pais,

principalmente a mãe, na tentativa de tornar-se cada vez mais independente; assim, segundo Lebovici & Diatkine (1988):

Através do jogo, a criança escapa em parte dessa dependência. (...) e sendo o brinquedo um tipo de relação com o adulto, não só expressa as possibilidades que a criança tem de se opor à sua dependência e de adquirir certa autonomia, mas também simboliza ou expressa uma reação positiva: pode ser uma das formas mais variadas e construtivas de relacionar-se com o adulto. (p.43-4)

Foi possível observar que o olhar de medo de João foi substituído por um olhar de atenção, seguido do olhar de interesse. E é nesse momento que as crianças ajudam umas as outras, convidando, permitindo que se juntem à brincadeira, inserindo, englobando, trazendo-as a uma nova realidade, possibilitando, agora, um maior contato e uma abertura para sua real chegada à escola. Este é um dos momentos em que o professor assume, em maior tempo, o papel de observador e mediador, no sentido de estar atento e promovendo estas trocas, vivências e experiências das crianças entre si. É importante que o professor se apropriar desses momentos e aproveitar os momentos de interação para ele próprio se aproximar dos alunos, sugerindo brincadeiras ou dando-lhes permissão para que escolham as próprias brincadeiras, dando a importância devida do brincar como fundamental e principal ferramenta para a adaptação e socialização do aluno na escola.

No terceiro mês de aula, era comum observar uma criança se aproximar dele e comentar algo, ou lhe dava massinha, ou algum brinquedo pequeno como um ursinho de pelúcia. Juntos sorriam, brincavam com os brinquedos da estante da sala de aula. Desarrumavam e arrumavam os brinquedos. Por algum tempo sua maior diversão era convidar alguma criança sentasse a seu lado para fazer pequenas bolinhas de massinha com ele e colocar todas em um pote para que ele pudesse brincar depois.

A professora evidenciou que a cooperação observada entre as crianças e João não deve ser entendida como ajuda, definição habitual, mas como operação conjunta, uma relação entre crianças construída a

partir do respeito mútuo, uma interação social baseada na igualdade entre os co-participantes. A concepção de autonomia é abrangente, indo além do desenvolvimento das competências sociais ou dos processos maturacionais, vista como um processo de construção, através do qual o sujeito, gradualmente, obedece às regras e normas sociais não por uma questão de dever, mas sim por respeitá-las e aceitá-las, livremente, reconhecendo-as como boas.

Alguns autores ressaltam a importância do brincar no estabelecimento de relações sociais entre as crianças. Carvalho (2005) e Coll (1996) demonstraram que as crianças na pré-escola tendem a brincar enfatizando as relações de amizade entre elas. Segundo estes autores, as crianças, em sua maioria, procuram realizar brincadeiras com outras crianças, estabelecendo, inconscientemente, relações sociais. Esta procura por outras crianças é muito importante na fase de adaptação escolar, uma vez que o aumento do número de relações estabelecidas entre uma criança e outra contribuirá para tornar o ambiente antes estranho em um mais agradável e prazeroso àquela criança.

O processo de socialização consiste na diferenciação que a criança estabelece de si mesma e dos outros, na interiorização e aceitação dessa nova realidade e nos primeiros passos que dá no sentido de uma participação em grupo. O brincar, antes de tudo, favorece a adaptação da criança ao ambiente escolar, ajudando-a a desenvolver sua personalidade, e adquirir mecanismos positivos de adaptação frente a situações novas.

Para melhorar sua chegada à escola, a equipe pedagógica sugeriu a família que quando trouxesse João, procurasse estimular que o menino levasse de casa para a instituição algum brinquedo, prenda ou guloseima. A partir de pequenos gestos e trocas que João estabelecia com as outras crianças, fez com que ele se sentisse mais a vontade, querendo participar das atividades.

A professora relatou que acredita que na educação em grupo a criança desenvolve a receptividade e a sensibilidade ao mundo exterior, aprende a vencer a timidez e a insegurança, a colaborar e trabalhar em equipe, a trocar e emprestar brinquedos, a conviver com outras crianças,

a defender-se, se comunicar e se expressar melhor. Para ela, adaptar-se é deixar-se modificar pelo outro, pelo ambiente, pelo objeto de conhecimento, é deixar o novo entrar e desarrumar o que antes estava inseguro. A professora explicou que este contato é dinâmico e se concretiza principalmente, através da brincadeira e da imaginação que aparece sempre vestida de faz-de-conta.

Como relata Weiss (1997),

as atividades das crianças são essencialmente lúdicas (e não competitivas) e têm como função primordial a descoberta do mundo que as rodeia: a criança se desenvolve brincando. (p: 20).

Pois o brincar estimula a criatividade, a afetividade através das relações, além de estimular o desenvolvimento social.

O brincar parece ser uma atividade na qual as crianças podem ser incluídas, via interação social, na cultura de uma sociedade. Neste caso, a criança estabelece uma liberdade de criação que faz com que ela possa melhor se adaptar aquele ambiente. Inicialmente, a criança, ao entrar na educação infantil, aprende a brincar com as pessoas ao seu redor. E, assim, a brincadeira irá constituir um espaço de socialização. A criança vai, gradativamente, dominando as relações com o outro e sendo introduzida no espaço e no tempo particular daquele ambiente escolar. Por este motivo é que as relações entre os próprios alunos podem incidir de forma decisiva sobre a consumação de determinados aspectos do desenvolvimento cognitivo, bem como do processo de socialização, estando diretamente relacionado à adaptação da criança ao ambiente escolar e as outras crianças da pré-escola. Atualmente, os educadores já estão percebendo que o brincar é o instrumento mais estimulante para se gerar uma imaginação criadora, um desenvolvimento cognitivo, aproximando a criança da realidade, inserindo aos poucos no ambiente social.

Durante o resto do ano letivo, foi possível observar que João demonstrava prazer em realizar atividades e brincadeiras menos agitadas do que as das demais crianças. João se destacava em atividades coletivas de colagem com emborrachados, paetês e papéis coloridos. Conseguíamos levá-lo ao parquinho, parcão e brinquedoteca e o menino

já permanecia nestes ambientes sozinho, sem a interferência direta de adultos, brincava com as outras crianças, sem que eu precise lhe indicar (como era no começo) onde e como deveria brincar. Em horários de brincadeiras livres nos diversos espaços da escola, João preferia brincar com os amigos sentados com diversos jogos ou carrinhos a correr. Quando se encerrava o horário das brincadeiras livres, João sempre procurava guardar os brinquedos com a ajuda de seus amigos no lugar.

Segundo a professora, a construção da autonomia da criança nesta fase da vida ocorre justamente na prática da cooperação. Esta autonomia incide tanto na área intelectual, quanto social e moral, uma vez que a personalidade da criança está envolvida tanto na construção das regras quanto no respeito por elas. A criança tem oportunidade de ser sujeito ativa na construção de si mesma. O professor, então, respeita os direitos às emoções, idéias e opiniões das crianças, limitando sua autoridade.

Na perspectiva das interações sociais parece plausível deduzir que quanto maior a diversidade de parceiros e experiências, potencialmente mais enriquecidos torna-se o desenvolvimento infantil. Segundo Bondioli e Mantovani (1989), a imitação, as trocas, o jogo cooperativo, a atenção seletiva, a intencionalidade comunicativa e a construção de significados compartilhados são alguns dos exemplos de adaptação da conduta entre crianças que freqüentam creches e pré-escolas de boa qualidade desde muito pequenas.

O brincar é uma situação em que a criança também constitui significados, sendo a principal forma para a assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio escolar, facilitando seu processo adaptativo. Através da brincadeira representativa, a criança desenvolve a capacidade de interação social e aprende a lidar com seus limites, criados por ela ao se deparar com o ambiente escolar, diversificando suas concepções sobre objetos e pessoas presentes, desde então, naquele ambiente. A brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de realizar atividades coletivas livremente. A interação entre crianças abre-lhes oportunidades de conhecer novos aspectos do mundo.

Levando em consideração que aprendemos através de nossas relações com o mundo, foram observadas constantes melhoras com relação à adaptação do aluno referido. Após sete meses de trabalho com João apresentou melhoras satisfatórias, sentia prazer em ir à escola, participava das atividades e brincadeiras e freqüentava todos os ambientes da escola.

No final do ano letivo, João tornou-se uma criança mais expressiva, passou a se comunicar verbalmente de maneira espontânea conosco, falava bastante usando um vocabulário mais ampliado com as crianças em meio às brincadeiras, manifestou-se bastante risonho, saudável e carinhoso como as crianças e com toda equipe do seu convívio no cotidiano escolar.

Confirmando as palavras de Zarattini (2003):

Compreendendo a criança como um ser ativo, com potencialidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, (...) a experiência trazida pela criança é valorizada de forma que ela seja levada progressivamente à autonomia. (p. 137)

E é este o ponto importante neste caso relatado, a busca pela melhor maneira de adaptar a criança à esse novo ambiente educacional e de socialização, que é a educação infantil, levando em consideração como o brincar no cotidiano da educação infantil pode contribuir e promover a adaptação de crianças à educação infantil. João, através do brincar, passou gradativamente a interagir com o restante do grupo e com o ambiente, desenvolvendo sua autonomia dentro do ambiente escolar, estendendo-a à sua vida também fora da escola, auxiliando em seu brincar livre, bem como também o dirigido, sendo reforçadores desta autonomia no convívio social neste novo ambiente, repercutindo também em outros nos quais as crianças freqüentam, iniciando de melhor maneira a vida escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, têm nítida função educacional. A escola e, particularmente, a educação infantil devem a partir desses tipos de situações, atuarem no processo de desenvolvimento das crianças. A criança, quando na idade pré-escolar, se encontra em pleno desenvolvimento físico e psicológico. É principalmente na educação infantil, a brincadeira não pode ser considerada nem utilizada como uma atividade de passatempo, sem outra finalidade além da diversão.

Através do brincar, a criança intensifica sua integração social, aprendendo a conviver em sociedade, socializando-se e construindo suas próprias brincadeiras e interações com outras crianças.

Para tanto, é preciso, inicialmente, considerar as brincadeiras que as crianças trazem de casa ou da rua e que organizam independentemente do adulto, como um diagnóstico daquilo que já conhecem, tanto no que diz respeito ao mundo físico ou social, bem como do afetivo e, é necessário que a escola possibilite o espaço, o tempo e um professor que seja o elemento mediador das interações das crianças com os objetos de conhecimento, como relata Craidy & Kaercher (2001):

A atitude do professor é, sem dúvida, decisiva (...) Destaco três funções diferenciadas que podem ser assumidas pelo professor, conforme o desenrolar da brincadeira. A primeira delas é a função de "observador", na qual o professor procura intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos. A segunda função é a de "catalisador", procurando, através da observação, descobrir as necessidades e os desejos implícitos na brincadeira, para poderem enriquecer o desenrolar de tal atividade. E, finalmente, de "participante ativo" nas brincadeiras, atuando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações surgidas em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças.(P.98-9)

Uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar ou resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia a dia escolar. Para isso, é normal que ela use capacidades como a

observação, a imitação e a imaginação. O ato de brincar, por envolver estas diferentes circunstâncias, cria na criança um novo sentimento, através do qual ela irá esquecer suas ansiedades e angústias, se ajustando aquele novo espaço. Para isso se faz necessário o convívio com outras crianças, para ela estabelecer laços que possam intensificar o bom relacionamento no meio social, ao qual está inserida.

É bastante comprovado que enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si e não em seus resultados e efeitos. Este fato facilita o processo de interação com outras crianças, uma vez que ele ocorre espontaneamente. Podemos dizer, então, que a brincadeira atua diretamente como um mecanismo de escape para as aflições apresentadas pela criança. Sendo assim, o brincar torna-se fundamental na vida da criança como instrumento indispensável enquanto recurso de integração, socialização e de superação de inúmeros desajustes de ordem psicossocial, tais como o isolamento no qual a criança pode se colocar quando entra em uma nova escola ou uma nova turma.

À medida que a criança começa uma brincadeira, ela estimula e alimenta seu imaginário infantil, de forma que as atividades delas se enriqueçam, tornando-se mais complexas, aumentando as relações que vão sendo estabelecidas. É através das brincadeiras que a transformação toma forma, onde elas criam um mundo repleto de encanto e satisfação, deixando de lado sua insegurança e suas decepções encontradas ali. (Santos, 1999)

Concluimos que, nesse ambiente estranho à criança, ela terá a possibilidade de encontrar liberdade para explorar todos os cantos e objetos. Por este motivo, o período de adaptação é um período bastante complexo não apenas para a própria criança, mas também para os familiares e os profissionais de educação, pois provoca uma série de mudanças, principalmente, na criança. Acreditamos assim, que a atividade lúdica infantil deve ser encarada com muita seriedade, uma vez que é através do brincar que a criança adquire experiências e desenvolve seus conceitos sobre o mundo que a cerca. Partindo do pressuposto de que a Educação Infantil deve preconizar o lúdico como fator essencial ao desenvolvimento das atividades que envolvem o cotidiano infantil,

observamos a necessidade de uma análise mais reflexiva e crítica sobre o assunto.

Sendo assim, o brincar torna-se elemento fundamental na vida da criança, atuando como instrumento indispensável enquanto recurso de integração, socialização e de superação, tais como o isolamento no qual a criança pode se colocar quando entra em uma nova escola ou uma nova turma. Para tanto, o princípio fundamental da pedagogia científica deve ser, na verdade, a liberdade das crianças: essa liberdade permitira um desenvolvimento das manifestações individuais, espontâneas, da natureza das crianças. Conforme idéias de Maria Montessori (1870-1952), *se quisermos que surja uma nova e científica pedagogia a partir do estudo do individuo, este estudo deve se preocupar com a observação de crianças livres.*

Na elaboração deste trabalho, surgiram dúvidas e algumas questões que devem ser ainda debatidas. Esperamos, ainda que ele possa gerar discussões por parte do leitor, podendo servir de objeto de estudo para futuros debates a respeito do assunto, enriquecendo ainda mais o conhecimento sobre a utilização do lúdico na educação infantil.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AMORIM, M. *Atirei o pau no gato: a pré-escola em serviço*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARIÈS, P. *A história social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- BONDIOLI, A., MANTOVANI, S. (org.). *Manuale critico dell'asilo nido*. Milão: Franco Angeli, 1989.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BRASIL. LEI Nº 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Editora do Brasil. Setembro de 1996.
- BRENELLI, R. P. *O Jogo como espaço para pensar. A construção de noções lógicas e aritméticas*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CAMPOS, M. M., ROSEMBERG F. FERREIRA, I.M. *Creches e pré-escolas no Brasil*. São Paulo: Cortez – Fundação Carlos Chagas, 1993.
- CARVALHO A.M.; ALVES M.M.F.; GOMES P.L.D.. *Brincar e educação: concepções e possibilidades*. Psicol. estud.v.10n.2. Maringá. 2005.

CERRI, M. F. *O lúdico como recurso para o professor de Educação Física atuar sobre a agressividade e a violência dos alunos nas aulas do ensino fundamental*. Trabalho de conclusão de curso de Educação Física. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2001, 78pp.

COLL, C. & COLOMINA, R.. Interação entre alunos e aprendizagem escolar. In COOL, César, MARCHESI, Álvaro e PALACIOS, Jesús. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico: Psicologia da Educação*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. p. 298-314.

CRAIDY, C.M e KAERCHER, G. (org.). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 89-100.

DAVIS, C., SILVA, M. A. & ESPÓSITO, Y. *Papel e valor das interações sociais em sala de aula*. Cadernos de Pesquisa, 71, 49-54. 1989.

DEL PRETTE, Zilda A. Pereira, DEL PRETTE, Almir, GARCIA, Fabíola Álvares, SILVA, Alessandra Turini Bolsoni, PUNTE, Ludmila Palucci. *Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso*. v.11 n.3 Porto Alegre: Psicol. Reflex. Crit, 1998.

FRIEDMANN A. *Brincar: crescer e aprender. O resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e Brincadeira. Usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S., MARLI, P. (Org.). *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

- LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEBOVICI, S., DIATKINE, R. A função social do brinquedo. In: \_\_\_\_\_. *Significado e função do brinquedo na criança*. Trad: Liana Di Marco. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 29-45.
- MONTESSORI, M. *A formação do homem*. Rio de Janeiro: Portugália. S/data.
- PIAGET, J. *A psicologia da inteligência*. Lisboa: Fundo de Cultura, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Seis estudos da psicologia*. 17.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. p. 11 - 70.
- RADESPIEL, M. C. B. *Alfabetização sem segredos - maternal e 1º período*. Belo Horizonte: IEMAR. 1996. p. 23-32.
- REGO, T.C. A cultura torna-se parte da natureza humana. In: Rego T.C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ROMERA, L. A. *Lúdico, educação e humanização : Uma experiência de trabalho*. Ijuí: Unijui, 1999.
- ROSSIGNOL, F., HIRT, A. Enseigner à l'école maternelle. In: AUGÉARD, M.-C. et al. *L'École maternelle aujourd'hui: réflexions et témoignages: des idées pour innover*. Paris: Retz, 1996.
- SANTOS, S.M.P. *Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche*. Petrópolis: Vozes. 1999

SENICATO, H. *A importância do lúdico para o desenvolvimento emocional do pré-escolar*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1998, 62pp.

SILVA, R. V. da; VERÍSSIMO, M.; SANTOS, A. J. *Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar*. *Análise Psicológica* (2004), 1 (XXII): 109-118.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola*. 5a ed. São Paulo: Cortez; 2001.

WALLON H. *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Ed. Vozes 11ª edição. 2002.

WEISS, L. *Brinquedos & engenhocas: Atividades lúdicas com sucata*. 2ed. São Paulo: Scipione, 1997. p.20-8, 46-7.

ZARATTINI, T. B. Uma aprendizagem significativa através do brincar. In: PAIVA, Maria das Graças Vasconcelos (coord.). *Encontros Psicopedagógicos*. Rio de Janeiro : Instituto de psicologia, 2003. p.137-44.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
 Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
 Escola de Educação - EE  
 Departamento de Didática - DID

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Vanille Frine Marina 2004 2351972

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

no brincar, a gente se entende: o período de adaptação de crianças de aprox. 2 anos no espaço de educação infantil

ORIENTADOR(A): Sandra Justina Ferreira de Sousa

### FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Maria Elena Nogueira

Nota: 8,0

Considerações:

O tema desenvolvido pela aluna tem relevância pelo fato de tratar de um assunto que traz muitos aspectos para o entendimento pedagógico de atitudes de crianças da mesma idade de dois anos. Portanto, em relação ao conteúdo, constitui-se num trabalho de qualidade, mas, no que se refere à forma, alguns equívocos foram cometidos: no primeiro capítulo, a aluna não faz referências, ficando o leitor sem saber quem é o autor do texto; não fica claro, também, o porquê da brincadeira ter ajudado na adaptação.

DATA: 14/07/2008

Assinatura: Maria Elena Nogueira

do aluno citados, pois, me pareceu que foi a partir do momento em que a professora deixou o menino mais à vontade, que a adaptação aconteceu. Era "deixar mais à vontade" diz respeito às brincadeiras? NEO

## SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Cristina Ferreira de SousaNota: 8,0

## Considerações:

O processo de construção desta monografia iniciou-se no começo do primeiro semestre de 2008, com um curso piloto do curso nas finalizações. Em pouco tempo, muitos das concepções da aluna passaram por um intenso processo de reflexão, e que possibilitou a elaboração do trabalho. Há algumas modificações com relação a formatação deste segundo a seguir da ABNT. Há um aprofundamento no capítulo II, onde é feita a articulação entre a pesquisa de campo e o referencial teórico adotado.

Data: 15 de julho de 2008Assinatura: [Assinatura]

## TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. MenezesNota: 8,0

## Considerações:

O trabalho apresenta lacunas quanto aos procedimentos metodológicos de elaboração de um texto científico.

Data: 16/07/08Assinatura: [Assinatura]

## RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
8,0	8,0	8,0	8,0



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE  
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Danielle Freire Moreira / 20042351172

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

no brincar, a gente se entende: o período de adap-  
tação de crianças de aprox 2 anos no espaço de educação

ORIENTADOR(A): Sandra Cristina Ferreira de Sousa <sup>Infante</sup>

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: maria elena

Nota : \_\_\_\_\_

Considerações:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Cristina Ferreira de Sousa

Nota: 8,0

Considerações:

O processo de orientação desta monografia iniciou-se no começo do primeiro semestre de 2008, com um curto período para suas finalizações. Em pouco tempo, muitas das concepções da aluna passaram por um intenso processo de reflexão, o que possibilitou a elaboração do trabalho. Há algumas pendências com relação a formatação deste, segundo as regras da ABNT. Há um esquecimento no capítulo V, onde é feita a articulação entre a pesquisa de campo e o referencial teórico adotado.

Data: 15 de julho de 2008

Assinatura: [assinatura]

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota : \_\_\_\_\_

Considerações:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final

Aluna  
Danielle Tereza Soares